

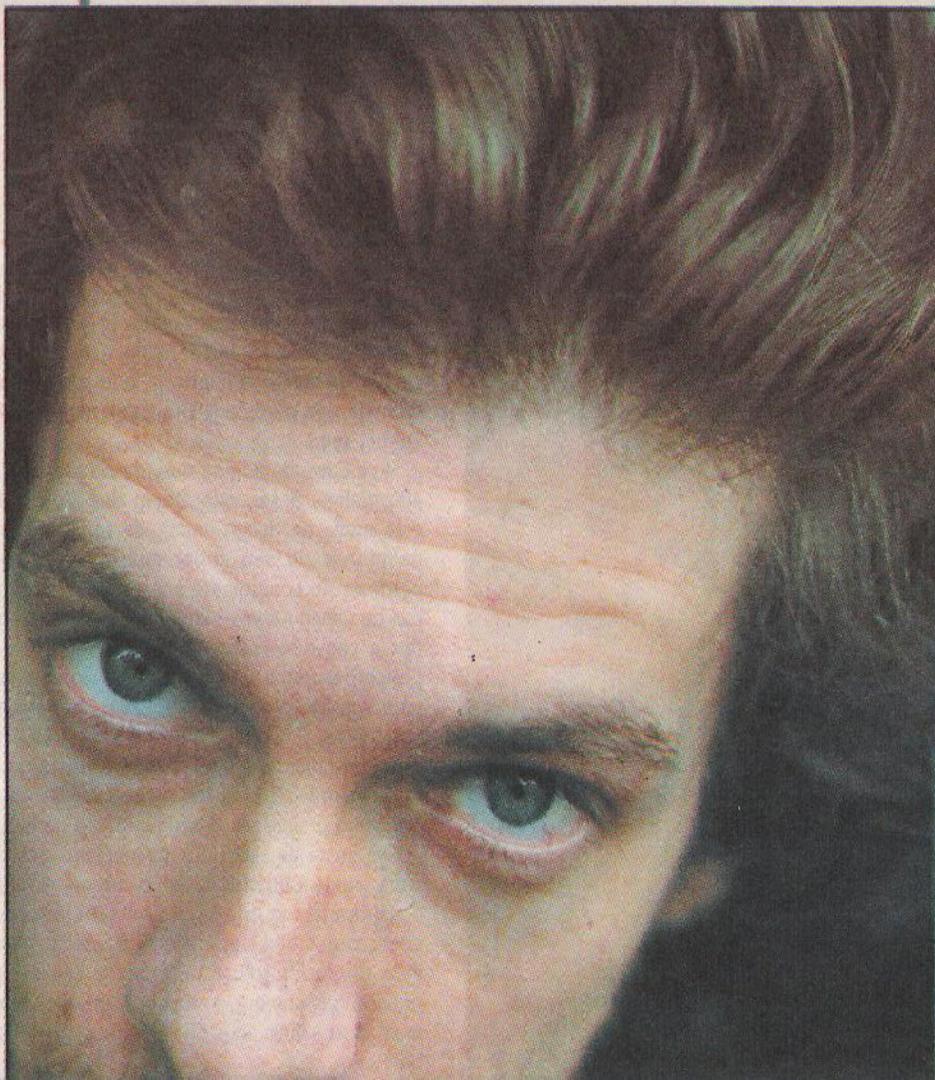
MEGAFONE

Há exactamente um ano,
João Aguardela

dos Sitiados, desvendava num primeiro álbum uma «identidade paralela» a que chamou Megafone, um projecto caseiro justapondo a electrónica e a música de dança com as recolhas tradicionais de Michel Giacometti e José Alberto Sardinha. Entretanto, o projecto caseiro cresceu para se transformar numa experiência a tempo inteiro, que já passou aos palcos e vê agora a edição de um segundo álbum. O BLITZ descobriu, em discurso directo, a história, os comos e os porquês de um projecto a solo que não é realmente um projecto a solo...

AS RAÍZES DO MEGAFONE: UMA MINI-HISTÓRIA

«Sempre tive uma paixão por música tradicional, e a maneira que encontrei [de a exercer] durante uma série de tempo foi nos Sitiados, dentro de um contexto completamente diferente — no sentido em que sempre achámos que fazíamos música tradicional portuguesa, só que de uma forma



Rita Cammo

cantar. Fiz apresentações na Fnac e no Teatro Camões, mas ainda não consegui uma oportunidade de testar isto em termos reais, levar isto para o mesmo circuito que os Sitiados fazem — ou então precisamente o contrário, fazer isto numa rave... Eu acho que isto poderá resultar tanto num arraial como numa rave, só que ainda não tive oportunidade de o experimentar».

MEGAFONE E SITIADOS: COEXISTÊNCIA PACÍFICA?

«Neste momento as coisas funcionam de modos bastante diferentes, isto era completamente impossível de fazer com os Sitiados. Mesmo havendo convidados, estou-lhes a pedir para completar um bocadinho melhor aquilo que estou a tentar fazer; nos Sitiados [há] um trabalho de banda, com todas as limitações que isso tem. [No Megafone] a imaginação é um bocado o limite. as programações e o sampling dão-te acesso a tudo o que tu quiseres... Depois os Sitiados são uma coisa intuitiva em termos de música tradicional, a maneira como a música tradicional sai de nós. Todas as canções que estão nos dois Megafones são [mesmo] tradicionais, logo crias um distanciamento enorme entre as duas coisas. Nem sequer há o problema de criar confusão na cabeça das pessoas (o que até seria porreiro, porque perguntar “o que é que aquele

completamente intuitiva. Ou seja, não houve estudo, nunca tínhamos ouvido uma série de coisas, era quase genético... Depois tropecei, literalmente, num disco de recolhas do Giaçometti. E foi a primeira vez que tive contacto com um lado das coisas que não fazia a menor ideia que ainda existia... Fui ouvindo mais coisas, e a determinada altura fiquei com material de gravação em casa. Foi a altura ideal para juntar a descoberta que tinha feito com os meios que entretanto tinha adquirido, e foi daí que [surgiu] o primeiro "Megafone".

«O que pretendi na altura — e que parece que não foi muito bem entendido... — foi fazer a junção de dois universos. Tentei respeitar ambos os universos, procurei que as coisas fossem fluidas e que se respeitassem mutuamente. Acima de tudo quero respeitar as canções tradicionais. Parto das canções e depois tento fazer que [elas] corram ao lado das programações, ou do edifício musical que é construído. A canção já lá está, é só vesti-la de várias maneiras... Nas programações tentei ir pelo lado mais cru da coisa, de certa maneira porque iria casar melhor com a crueza das próprias vozes. Com programações é muito fácil deixares-te ir em exhibições de virtuosismo, e da mesma maneira que aquelas pessoas cantam de um modo perfeitamente natural, tentei manter as programações ao nível artesanal... É um trabalho em que o computador não é usado, sequenciei tudo na "groove box" e tentei dar o menos de floreios possível».

«Os dois discos são caseiros, são uma espécie de artesanato, fazem parte da mesma experiência. Já tinha feito uma edição de autor e as coisas tinham corrido bem; na altura em que recebo a proposta da Farol o disco estava preparado para seguir o rumo



TECNO-ARTESANATO

do primeiro. Da maneira como as coisas estão a evoluir, daqui por uns tempos será a coisa mais saudável e natural fazer um disco e depois ir falar calmamente com as pessoas, ver se elas estão interessadas naquele produto exactamente como o estás a apresentar. Se não estão interessadas, paciência...»

OS MEIOS DO MEGAFONE: EVOLUÇÃO NA CONTINUIDADE

«Os meios [do segundo disco] são rigorosamente os mesmos [do primeiro, mas] a intenção já era outra: enquanto o primeiro soa como uma experiência unitária — do princípio ao fim uma ideia que está a ser concretizada — neste tentei concretizar várias ideias, conferir personalidades diferentes a cada uma das abordagens. Isso passou, por exemplo, por convidar pessoas e dar-lhes responsabilidade em termos de assumirem a "Composição" de uma das experiências. Como se eu, de repente, tivesse convidado doze bandas ou doze pessoas para fazerem elas as experiências e eu produzisse o disco...».

MEGAFONE: JOÃO AGUARDELA A SOLO, OU NÃO?

«Nunca assumi o Megafone como uma coisa minha... O papel que eu desempenho é de certa forma o de um produtor. Pegas numa série de peças provenientes de diferentes pessoas e tentas organizar, dar uma ordem àquilo. Mas não é propriamente um projecto só meu, sempre o assumi como uma experiência que eu estava "a comandar"».

MEGAFONE AO VIVO: A RAVE E O ARRAIAL

«É um espectáculo completamente diferente daquilo que as pessoas estão habituadas a ver — incluindo eu próprio... Mais que um concerto normal, é uma apresentação de música, e nesse sentido utiliza muitas das armas que tens principalmente neste segundo disco. A primeira parte é basicamente trabalho de DJ, em que estás a passar e cruzar coisas, depois metes alguma percussão, bateria, a determinada altura voz e acabas quase como um serão de província, uma pessoa com uma guitarra a

matuco anda a fazer?" Já e qualquer coisa nos tempos que correm...). Agora, seria interessante que em alguma altura os caminhos se encontrassem, porque os Sitiados têm alguma coisa de apelativo para a maioria das pessoas que o Megafone não tem porque não foi construído dessa forma. Seria engraçado ver o cruzamento entre os dois, pegar naquela eficácia que os Sitiados têm de chegar às pessoas, de fazer os grandes espectáculos, pegar nessa qualidade folclórica dos Sitiados e levar às pessoas estas experiências que estão a ser feitas...».

O FUTURO DO MEGAFONE: E AGORA?!

«Há tanta coisa que ainda é possível fazer a partir da música tradicional que isto é um campo praticamente inesgotável, tudo o que te possa ocorrer está em aberto... Principalmente está em aberto a criação de uma identidade, que me parece bastante importante nesta altura. O que estou a fazer — e o que os Sétima Legião estão a fazer — é um ficcionamento sobre [as recolhas] que, na melhor das hipóteses, estará a recriar uma personalidade cultural. É importante que existam estas experiências... porque ou nós nos deixamos ir e logo se verá o que é que acontece, onde é que aquilo que a gente ouve agora normalmente na rádio ou na TV nos vai levar; ou metemos mãos à obra e a partir de tudo que ouvimos e daquilo que já não ouvimos mas que ainda vai podendo estar disponível começamos a construir uma nova personalidade...».

Jorge Mourinha